

As correlações entre cultura, materialismo e educação a partir da situação de crianças migrantes em Santa Catarina (Brasil) e nos Estados Unidos da América

Soraya Franzoni Conde
Karina Stroehhaecker Lisa Alcubierre

Soraya Franzoni Conde

Universidade Federal de Santa Catarina,
UFSC, SC, Brasil

E-mail: sorayafconde@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5271-6479>

**Karina Stroehhaecker Lisa
Alcubierre**

Rede Municipal de Ensino de
Florianópolis, SC, Brasil

E-mail: karinasla1983@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1164-4381>

Este artigo teve apoio e financiamento da Capes/Print/UFSC, projeto Repositório de Práticas Interculturais e Projeto de Pesquisa, do CNPq (Bolsa Produtividade de Pesquisa) e CNPq Edital 40/2022 Pró-Humanidades.

Recebido em: 04/03/2022

Aprovado em: 15/03/2023

Resumo

O objetivo deste texto é discutir a categoria ‘cultura’ em relação às condições de vida e educação de crianças migrantes desde a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. O presente texto é parte de duas pesquisas sobre crianças migrantes, em Santa Catarina (Brasil) e nos Estados Unidos da América. A primeira foi realizada pela segunda autora durante seu mestrado em educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre 2015 e 2017, com crianças migrantes na Rede Municipal de Educação de Florianópolis, por meio de estudos, observações, entrevistas e rodas de conversas com as crianças migrantes na escola. Já a segunda foi realizada durante o pós-doutorado da primeira autora na City University of New York, em 2020, com crianças migrantes latinas exploradas em trabalhos rurais nos Estados Unidos da América, por meio de observações de campo, da análise de relatórios sobre o trabalho e a imigração no campo, estudos teóricos e entrevistas com ativistas, imigrantes latinos e conversas com crianças trabalhadoras. Por fim, conclui que as realidades pesquisadas, mesmo que por caminhos e objetivos distintos, denunciam a essência dos processos migratórios, ultrapassando a aparência superficial da diversidade cultural e da liberdade de escolha individual por migrar. A migração é expressão de um processo social e familiar de luta por melhores condições de vida e sobrevivência, bem como das crises capitalistas criadoras de uma massa de trabalhadores sobrando e que perambulam em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Crianças migrantes expressam a imbricada correlação entre classe, trabalho e cultura, evidenciando a importância de uma abordagem materialista para os estudos culturais.

Palavras-chave: Cultura. Materialismo. Educação. Trabalho. Crianças migrantes.



Abstract**The correlations between culture, materialism and education from the situation of migrant children in Santa Catarina (Brazil) and in the United States of America**

The purpose of this text is to discuss the culture category in relation to the living conditions and education of migrant children from the perspective of dialectical historical materialism. Part of two surveys carried out on migrant children in Santa Catarina (Brazil) and in the United States of America. The first was carried out by the second author during her master's degree in education at UFSC between 2015 and 2017 with migrant children in the Municipal Education Network of Florianópolis through studies, observations, interviews and conversations with migrant children at school. The second was carried out during the postdoctoral work of the first author at the City University of New York in 2020 with Latino migrant children exploited in rural work in the United States of America through field observations, analysis of reports on work and migration in the fieldwork, theoretical studies and interviews with activists, Latino immigrants and conversations with working children. Finally, it concludes that the researched realities, even if through different paths and objectives, denounce the essence of migratory processes, going beyond the superficial appearance of cultural diversity and freedom of individual choice to migrate. Migration is an expression of a social and family process of struggle for better living conditions and survival, as well as the capitalist crises which created a mass of leftover/unemployed workers who roam in search of better living and working conditions. Migrant children express the generality of life, exposing the co-relationship between class, work and culture in human migration processes.

Keywords:

Culture.
Materialism.
Education. Work.
Migrant children.

Resumen**Las correlaciones entre cultura, materialismo y educación a partir de la situación de los niños migrantes en Santa Catarina (Brasil) y en los Estados Unidos de América**

El propósito de este texto es discutir la categoría cultura en relación con las condiciones de vida y educación de los niños migrantes desde la perspectiva del materialismo histórico dialéctico. Parte de dos estudios empíricos realizados con niños migrantes en Santa Catarina (Brasil) y en los Estados Unidos de América. El primero fue realizado por la segunda autora durante su maestría en educación en la UFSC entre 2015 y 2017 con niños migrantes en la Red Municipal de Educación de Florianópolis a través de estudios, observaciones, entrevistas y conversaciones con niños migrantes en la escuela. El segundo se realizó durante el trabajo posdoctoral del primer autor en la City University of New York en 2020 con niños migrantes latinos explotados en el trabajo rural en los Estados Unidos de América a través de observaciones de campo, análisis de informes sobre trabajo y migración en el trabajo de campo, estudios teóricos y entrevistas con activistas, inmigrantes y conversaciones con niños trabajadores. Finalmente, concluye que las realidades investigadas, aunque por caminos y objetivos diferentes, denuncian la esencia de los procesos migratorios más allá de la apariencia superficial de la diversidad cultural y la libertad individual de elección para migrar. La migración es expresión de un proceso social y familiar de lucha por mejores condiciones de vida y supervivencia. Los niños migrantes expresan la generalidad de la vida, exponiendo la relación entrelazada entre clase, trabajo y cultura en los procesos de migración humana.

Palabras clave:

Cultura.
Materialismo.
Educación.
Trabajo. Niños
inmigrantes.

1 Apresentação do problema

No Brasil, é lugar-comum, nas pesquisas que abordam educação, infância e migração, a defesa dos direitos da criança migrante e do respeito pedagógico à diversidade cultural (SILLER, 2021). Ainda que pese a realidade repleta de discriminações e exclusões nas instituições educativas, tais abordagens carecem de relação com as origens materiais e estruturais da migração.

Assim, a solução apresentada pela maior parte das pesquisas aborda aspectos internos das escolas e a reforma de práticas e comportamentos de professores, gestores e crianças por meio de uma educação dialógica e multi/intercultural. Tal abordagem, ainda que traga elementos importantes das relações humanas, ao ignorar as questões estruturais e as desigualdades sociais que culminam nos processos migratórios, acaba por falsear as origens reais do problema, que envolve a relação entre migração e infância na sociedade capitalista. As crianças migrantes se inserem num contexto de luta familiar pela reprodução social e pela sobrevivência.

Como explicou um pai migrante entrevistado por Alcubierre (2017), os migrantes nordestinos que chegam a Santa Catarina, além de serem explorados no trabalho, sofrem preconceito e discriminação. Estigmas de mal-educados e sem cultura compõem cenas cotidianas de violência. Por isso, como precisam mostrar o tempo todo que são honestos, educados e bons trabalhadores, sentem-se constrangidos em denunciar a opressão:

Pesquisadora: Você já sentiu algum tipo de discriminação e/ou preconceito por ser migrante?

P2: Sim. Existe. Sempre existe.

Pesquisadora: Já passou por isso?

P2: Não. Assim, não, mas a discriminação tem e sempre vai ter. Não tem jeito. Só que assim, eu não dou muita bola pra isso não.

Pesquisadora: Então você percebeu isso?

P2: Olha (pausa na fala), isso é uma coisa que já está meio que (pausa na fala), já é algo, como posso te falar? Dizem assim: 'baiano, baiano tem a mania de fazer muita coisa errada'. Quando eu falo que sou baiano dizem: 'ah, baiano!' Já tem um estigma. Só que eu digo o seguinte: esse baiano que tu fala pode ter feito coisa errada, mas esse aqui não! (aponta para ele mesmo). Esse só faz coisa certa. Pra fazer eu só faço bem feito. Se não for pra fazer bem feito eu não faço e você não precisa me pagar.

Pesquisadora: Você sente isso então, nos momentos de trabalho?

P2: Sim, de trabalho. Nas relações de trabalho. Eu trabalho na rua. Todo santo dia eu estou na casa de uma pessoa diferente. [...]. Tem o preconceito e a discriminação, eles existem, mas pra cima de mim eu não dou corda pra ninguém (Entrevista com pai P2. Pesquisa de Campo, 2016 *apud* ALCUBIERRE, 2017, p. 143-144).

Conforme relatório publicado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2022,¹ diversas denúncias foram divulgadas nas mídias reportando operações e casos em que trabalhadores migrantes são recrutados e submetidos a condições degradantes e de extrema exploração. Durante a escrita deste artigo, a sociedade brasileira ainda se chocava com a notícia de “[...] uma operação conjunta da Polícia Rodoviária

Federal, do Ministério Público do Trabalho e da Polícia Federal [que] resgatou 206 trabalhadores em condições degradantes” (OPERAÇÃO..., 2023), configurando trabalho análogo à escravidão. As empresas envolvidas são três grandes vinícolas líderes no mercado e que, em 2022, juntas, obtiveram faturamentos recordes, superiores a R\$ 1,5 bilhão. Localizadas na Serra Gaúcha, no estado do Rio Grande do Sul, contrataram, por meio de uma empresa terceirizada recrutadora, trabalhadores nordestinos por demanda. Os relatos de tortura e de péssimas condições de trabalho são escandalosos.

Dias após a denúncia, um vereador da extrema-direita gaúcha, eleito pela Câmara de Vereadores da cidade de Caxias do Sul, RS, proferiu um discurso em defesa dos empresários, expressando ódio, xenofobia e racismo em relação aos trabalhadores nordestinos libertos pela Polícia Federal. Conforme o vereador:

Gente, eu só vou dar um conselho: agricultores, produtores, empresas agrícolas que estão neste momento me acompanhando, vou dar um conselho para vocês: não contratem mais aquela gente lá de cima [se referindo ao Nordeste]. Conversem comigo. Vamos criar uma linha e vamos contratar os argentinos, porque todos os agricultores que têm os argentinos trabalhando hoje só batem palmas. São limpos, trabalhadores, corretos, cumprem os horários, mantêm a casa limpa e, no dia de irem embora, ainda agradecem ao patrão pelo serviço prestado e pelo dinheiro que receberam. Agora, [com] os baianos, [já] que a única cultura que eles têm é viver na praia tocando tambor, é normal que se fosse ter esse tipo de problema. Que isso sirva de lição. Deixem de lado aquele povo, que é acostumado com carnaval e festa, para vocês não se incomodarem novamente [...]. (FANTINEL, 2023, 7'57).

O relato do pai migrante e a fala do vereador descritos acima, além dos dados que apresentaremos no decorrer deste artigo, evidenciam que os migrantes constituem a forma atual do que Marx (2017) chamou de *cheap labour*:² trabalho barato, que fora atribuído às crianças e às mulheres no período da Revolução Industrial, no século XIX. Na atualidade, o *cheap labour* é destinado aos migrantes (além de outros extratos sociais), parcela da classe trabalhadora sempre ávida e disposta aos piores trabalhos e salários. Eles também constituem o que o autor chamou de Exército Industrial de Reserva (MARX, 2017), uma massa de trabalhadores sobrantes, produzida pelas crises, pelas desapropriações e pelo desemprego, que pressiona a queda geral dos salários, beneficiando o aumento da exploração no trabalho.

Estereótipos neodarwinistas, racistas e xenófobos, que envolvem o problema da cultura, servem de justificativa para o pagamento dos piores salários e as péssimas condições de vida. A mesma base racista foi usada por Adolf Hitler nos campos de concentração nazista de Auschwitz-Birkenau, que possuía em sua entrada a frase ‘*Arbeit Macht frei*’.³ O trabalho aparece então como grande redentor, curador e educador, capaz de forjar uma nova disciplina e uma nova cultura entre miseráveis, grupos étnicos perseguidos e explorados pelo nazismo. Longe de libertá-los, o trabalho dos prisioneiros produzia inúmeras riquezas para grandes empresas aliadas do regime nazista, como Siemens, Fiat, IBM e Bayer.

As crianças também foram afetadas por esse processo. Muitas foram entregues à adoção, mortas ou presas em campos de concentração destinados exclusivamente a mulheres e crianças. Versões contemporâneas e semelhantes desta tragédia são encontradas nas atuais prisões para migrantes nos EUA e na Europa, onde milhares de crianças são presas sem contato com seus familiares (CONDE, 2022).

Também recentemente, como relatamos, foram denunciados casos de trabalho análogo ao escravo de migrantes nordestinos nas vinícolas Aurora, Salton e Garibaldi, localizadas no sul do Brasil.

As pesquisas que realizamos (CONDE, 2022; ALCUBIERRE; 2017; ALCUBIERRE; CONDE, 2018; CONDE; SILVA, 2020, por meio da compreensão dos contextos e das relações sociais, identificou inúmeras dificuldades durante a escolarização das crianças migrantes em relação à xenofobia e à violência que sofrem nas escolas e comunidades; à sazonalidade familiar na busca por emprego e moradia (trabalho uberizado, terceirizado, flexível, desregulamentado, sazonal, zero hora, sem direitos), refletida numa escolarização descontínua, fragmentada, estranhada; à alimentação, por vezes insuficiente ou diferente demais dos costumes de origem; ao clima (mais frio ou mais quente do que no local de origem); à língua (idioma ou sotaque diferentes enquanto barreira à comunicação, socialização, produção e reprodução da vida); às vestimentas (por vezes insuficientes ou inadequadas aos climas e costumes locais do novo espaço/território); aos valores disciplinares institucionais, diferentes daqueles do local de origem (que culminam numa intolerância, por parte da escola, em relação ao comportamento da criança); às dificuldades econômicas (decorrente do desemprego e dos baixos salários familiares); e às moradias precárias e compartilhadas (sem privacidade, sem espaço adequado para o estudo, nem para ser criança, sem possibilidade de distanciamento social em época de pandemia).

Há que se destacar que Santa Catarina, nos últimos anos, foi responsável pelo acolhimento de 82.024 imigrantes estrangeiros, a maior parte haitianos, venezuelanos e argentinos (FERRAREZ, 2022). Embora se desconheça o número exato de migrantes nacionais, em virtude da ausência de Censo Populacional desde 2015, municípios como Balneário Camboriú e Florianópolis, segundo informações da Pastoral do Imigrante (FERRAREZ, 2022), registraram aumento acima de 100% na população de migrantes com a chegada de nordestinos, gaúchos, paranaenses, paulistas e catarinenses de cidades do interior do estado. Atraídos pela imagem de um Sul Maravilha e pela ideia de ‘Ilha da Magia’, fortemente divulgadas pelo setor turístico e pela especulação imobiliária, trabalhadores chegam cotidianamente ao estado em busca de uma vida melhor, mas deparam-se com uma realidade bastante diferente.

Nos últimos anos, o estado de Santa Catarina também foi palco de denúncias e mortes de imigrantes haitianos e migrantes nordestinos, em virtude de ações racistas e xenófobas por parte da população local. Segundo Bispo e Schirlei (2021), 30% dos casos de discriminação e violência no trabalho em Santa Catarina são contra haitianos e africanos recém-chegados ao país em busca de trabalho e melhores condições de vida. Há inúmeras denúncias de que recebem tratamento semelhante ao escravo, são violentados, agredidos, desrespeitados, ganham menores salários para as mesmas tarefas desempenhadas por brasileiros, não recebem direitos acordados e são cotidianamente responsabilizados por problemas no trabalho e por espalharem doenças entre os brancos. Costumam a trabalhar nos frigoríficos, na construção civil e na agricultura. São trabalhos pesados, com jornadas acima de doze horas. Muitas mulheres aparecem

trabalhando em serviços de limpeza precários, baratos, terceirizados, por hora e sem vínculo. Por isso, são a forma atual do *cheap labor* (MARX, 2017) e pressionam a queda geral dos salários, provocando um sentimento de competição desleal com a população local, que reage com ódio, violência e xenofobia (DELLAPUPPA, 2021).

Casos como os de Djimy Cosmeus, sufocado em 2021 no chão de uma fábrica catarinense, cujos agressores alegaram a necessidade de disciplinamento do trabalhador (RAMOS, 2021), e Moïse, imigrante congolês assassinado no Rio de Janeiro por cobrar o salário atrasado, são comuns e evidenciam como a condição do imigrante expressa a somatória das opressões entre classe, raça/etnia e gênero – elementos imbricados com o sistema capitalista de produção, desde a colonização europeia (MARX, 2017; CONDE; CASSIANI; 2021).

É nesse contexto que o problema da criança migrante na escola costuma a aparecer, involucrado pelas ideias da diferença e da diversidade cultural, apropriadas por diferentes setores da burguesia, anulando assim as esferas da economia, da luta de classes e da luta pela vida, que motivam grandes levadas migratórias. Desse modo, aquilo que precisa ser transformado ganha adjetivação de diferente, diverso, exótico, algo a ser preservado. Nessa perspectiva, a cultura aparece não como oriunda das formas materiais, estruturais e reais de vida, que podem ser transformadas, mas sim como algo herdado biologicamente ou por tradições estanques, portanto imutável. De acordo com esse pensamento, pobres são pobres por conta de hábitos relativos à cultura e à educação. Não conseguem poupar e ter disciplina de trabalho e economia. Com esse entendimento, as estruturas sociais são preservadas, pois a crítica se dirige ao indivíduo, e não à sociedade. Por de trás dessa compreensão, encontra-se uma compreensão racista e inatista de educação, cultura e desenvolvimento humano.

Keeanga-Yamahtta Taylor (2020) destaca que a concepção de cultura contribuiu para uma ideologia racista sobre a pobreza, sobre os negros e os imigrantes latinos. Segundo a autora, toda a ideologia construída após a Segunda Guerra Mundial, que apregoava que o modo de vida dos Estados Unidos seria um universo de possibilidades em que os sonhos, a depender do esforço individual, poderiam ser realizados, serviu para disseminar uma ideologia racista da cultura da pobreza (*culture of poverty*), localizando-a em padrões de comportamento imputados à população negra, imigrante, latina, africana.

Segundo Conde, Vianna e Pole (2021), a noção de cultura da pobreza entrou em voga nos anos 1960 e passou a ser uma fácil, confortável e elitista explicação para o fracasso escolar, que historicamente atinge de maneira desproporcional alunos(as) negros(as), pobres e imigrantes, os(as) quais vivem em condições precárias de vida. Ou seja, o baixo rendimento escolar é atribuído à suposta pobreza cultural de suas famílias e comunidades, que, segundo esse tipo de argumento estereotipado, não tiveram suficiente estimulação intelectual, nem acesso léxico amplo ou gramática estruturada, tampouco liam em casa ou eram disciplinados, etc. Essas teorias de déficits culturais têm uma longa história e remetem a formas históricas

de segregação social, como a escravidão e o racismo, que permanecem ainda cristalizadas na estrutura da sociedade burguesa, especialmente a brasileira e a norte-americana.

2 Raízes históricas da abordagem racista e xenófoba da educação e da cultura

As questões que envolvem a relação entre cultura, materialismo e educação ganharam maior destaque durante o século XIX, com a consolidação do sistema capitalista de produção, o crescimento da grande indústria e do acesso das classes populares à arte, ao consumo e à escola (WILLIAMS, 1969, 1992, 2007, 2015; THOMPSON, 1987, 1998; VIANA, 2018). Se é verdade que as disputas econômicas, políticas e acadêmicas em torno da temática se acirraram no período indicado, também é verdade que este assunto não é recente na história da humanidade, pois já era abordado por Aristóteles (2011) na Grécia Antiga.

O filósofo utilizava argumentos materialistas para justificar a necessidade da desigualdade social, de modo a viabilizar o acesso de apenas uma classe à riqueza, aos privilégios e ao cultivo das virtudes intelectuais e físicas (cultura). Argumentava que uma vida feliz requeria o desenvolvimento de virtudes cultivadas com esforço e cuidado e que somente seres liberados da produção da subsistência poderiam se dedicar a tais atividades. Nesse sentido, para o autor, o escravizado não desenvolvia nem cultivava virtuosidades porque trabalhava. Caso todos trabalhassem, ninguém seria feliz e virtuoso.

Conforme Williams, a palavra ‘cultura’ deriva do verbo *colore*, que significava, já no século XVI, “habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração” (WILLIAMS, 2007, p. 117). Com o tempo, o termo adquire a ideia de um certo refinamento do espírito, “[...] como resultado do desenvolvimento de certas qualidades pessoais valorizadas em certos meios sociais” (SIRGADO, 2005, p. 70), assumindo, portanto, uma característica elitista, altamente concatenada com os interesses de distinção social da aristocracia e, depois, da burguesia.

Com o avanço da colonização europeia, propulsora do desenvolvimento da acumulação primitiva do capital, a ideia elitista de cultura é usada para justificar a catequização e a violência contra os povos colonizados. Considerados destituídos das virtudes cultivadas pela aristocracia e pela burguesia branca e privilegiada, assim como os atuais imigrantes e refugiados, tornam-se alvo de expropriações, da violência, do trabalho explorado ou escravo e das missões catequizadoras da Igreja Católica. Entretanto, à medida que as ciências sociais se desenvolvem e ocorre o avanço da indústria, com maior acesso popular à escola e ao consumo, aparecem também questionamentos sobre o caráter xenófobo, elitista, explorador e expropriador do avanço da colonização sobre o “novo mundo” (WILLIAMS, 2007; LARAIA, 1986). Conforme Marx (2017, p. 821), “[...] a violência é a parteira de toda sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova. Ela mesma é uma potência econômica”. Dessa forma, com a justificativa de que os povos colonizados eram selvagens, bárbaros e sem cultura, uma educação rígida, colonial, jesuíta, monocultural e violenta foi

introduzida com a finalidade última de fornecer riquezas ao Velho Mundo, onde a burguesia iniciava sua ascensão.

Da denúncia ao cruel, explorador e sanguinário processo colonizador, nascem movimentos críticos trabalhistas e acadêmicos (com destaque à antropologia e à sociologia) que lutam pela veiculação de uma nova compreensão acerca do termo ‘cultura’, qual seja, um “[...] conjunto de bens materiais e/ou espirituais dos povos (técnicas, artes, mitos, tradições, conhecimentos, modo de organização social etc.)” (SIRGADO, 2005, p. 70), e destacam a inexistência de seres humanos sem cultura (LARAIA, 1986; MEAD; BENEDICT; SAPIR, 2015). A cultura, então, é entendida como parte da natureza social humana (VYGOTSKY, 2000).

3 A cultura desde a perspectiva do materialismo histórico

Imbricada com a forma como os seres humanos produzem a própria vida, a cultura possui historicidade e expressa as múltiplas determinações da realidade concreta e das relações entre a totalidade, a particularidade e a singularidade (MARX; ENGELS, 2007; VYGOTSKY, 2000; STETSENKO, 2017). Nesse sentido, a análise materialista histórico-dialética da cultura conjuga os elementos da classe social e das intencionalidades humanas com vistas ao passado (onde está a história, os costumes e as tradições), ao presente (as necessidades e mudanças sociais atuais) e ao futuro (ao que queremos para o mundo, a sociedade e as novas gerações).

Compreender a cultura, nessa perspectiva, significa entendê-la desde a atividade humana no mundo, ou seja, na unidade dialética passado/presente/futuro, enquanto síntese da relação entre teoria e prática, guiada pela satisfação das necessidades (do estômago à fantasia), pelo pôr teleológico e pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas. Dessa forma, em relação orgânica com o trabalho, a cultura é uma categoria em constante transformação e movimento, tendo em vista que as gerações mais novas se apropriam dos hábitos, dos costumes e das tradições por meio da educação recebida das/com as gerações mais velhas e, nesse processo, acabam imprimindo algo novo – como acontece na brincadeira –, reelaborado criativamente, fazendo com que os termos do par dialético produção/reprodução se retroalimentem.

Também no campo acadêmico, prevalece uma negação do tema da cultura por parte da abordagem marxista, pelo fato de Marx não ter realizado uma análise específica sobre a temática. Realmente, Marx não foi um homem de definições estanques e pré-concebidas, nem refletiu especificamente sobre esse tema. Ainda assim, ao perceber o ser humano a partir da *práxis*, trouxe elementos importantes que perpassam a questão da cultura como manifestação humana articulada à forma de produção da vida e às relações entre particularidade e totalidade, materialidade e subjetividade. Como explica Viana, “Marx usou poucas vezes o termo ‘cultura’, pois trabalhou mais com o conceito de consciência, bem como termos correlatos, como ideologia, representações, etc.” (VIANA, 2018, p. 14). Ou, como explicou Suchodolski (1976, p. 75), em

Marx, “[...] a ciência materialista da cultura começou por tomar forma na dura luta contra a filosofia de Hegel, que era a base de uma teoria idealista da cultura”.

Na história, a cultura, os hábitos, os costumes comuns e “[...] a produção das ideias e representações, da consciência, aparecem diretamente entrelaçados à atividade material dos seres humanos, como a linguagem da vida real” (MARX; ENGELS, 2007, p. 93). Para os autores, as ideias e as formas da consciência humana emergem do modo como os seres humanos satisfazem suas necessidades, ou seja, do trabalho:

[...] o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 2017, p. 255-256).

A abordagem do trabalho para apreensão da cultura não desconsidera a variedade cultural presente em distintos grupos humanos. Mas, para além de diferenças, identifica o elemento comum, agregador e universal da cultura humana, pois se é certo que seres humanos falam diferentes sotaques e idiomas, também assim é com o fato de que apenas seres humanos falam. Tal reconhecimento evidencia a relação dialética entre unidade e diversidade, entre partes e todo existente numa abordagem materialista histórico-dialética da cultura humana.

Se retiramos a cultura do campo da produção material da vida, acabamos por subsumi-la às abstrações idealistas ou ao individualismo funcionalista e fetichizado burguês. Reduzida ao campo determinista ou biologizante, a cultura é interpretada de forma dual e ambígua (relação de poder entre alta cultura e cultura popular, entre natural e social, entre corpo e mente) ou como algo inato e dado *a priori*. Se a cultura fosse dada pelas gerações passadas de forma inata às gerações novas, restaria aos jovens apenas adaptação e conservação. Já se entendemos a cultura, assim como o trabalho, enquanto produção social humana em constante movimento e transformação, cada nova geração imprime algo novo na cultura a partir do que apreendeu das gerações anteriores. Temos então uma potente categoria em movimento no processo de transformação social. Assim, como defendeu Williams (2015), a cultura é de todos, é algo que temos em comum.

4 “Eu só estou aqui de viagem”: a situação de crianças migrantes em Florianópolis

A partir de uma compreensão materialista da migração e da cultura, realizamos pesquisa sobre infância, migração e trabalho em Florianópolis, Santa Catarina (ALCUBIERRE, 2017), por meio de

questionário objetivo aplicado a 23 famílias, além de rodas de conversa com crianças entre 4 e 6 anos matriculadas na Educação Infantil de Florianópolis.

No Quadro 1, a seguir, observa-se que as crianças migrantes participantes da pesquisa pertencem à classe trabalhadora, que se muda para a capital de Santa Catarina em busca de melhores condições de vida e trabalho. Trata-se de crianças inseridas na luta familiar pela reprodução social da vida.

Quadro 1 – Dados das crianças migrantes e contexto de vida e de trabalho de suas famílias

Criança/Idade/Origem	Trabalho dos pais(pai/mãe)	Segundo os pais, por que a família migrou
Ana /5/ Macapá, AP	Mãe auxiliar de cozinha	Estava difícil encontrar emprego e o salário era baixo.
Carla /4/ Biritinga, BA	Camareiro/Balconista	Era difícil encontrar emprego
Ester /5/ Rio de Janeiro, RJ	-----	Não informado
Fábio /5/ Piratuba, SC	Eng. eletricitista/Vendedora	Pai foi transferido pela empresa
Laura /5/ Eunápolis, BA	Mãe auxiliar de cozinha	Por ter se separado do companheiro
Lia /4/ Vigia, PA	-----	Não informado
Lucio /6/ Serrinha, BA	Carpinteiro/Aux. de serviços gerais	Estava difícil encontrar emprego e o salário era muito baixo.
Mara /6/ Serrinha, BA	Pedreiro/Aux. de cozinha	Estava difícil encontrar emprego e lá a saúde é ruim
Maria /5/ Feira de Santana, BA	Eletricista/Operadora de balança	Passávamos necessidade por não ter trabalho
Michele /5/ Serrinha, BA	Mãe aux. serviços gerais	Estava difícil encontrar emprego
Ricardo /6/ Serrinha, BA	Carpinteiro/Auxiliar de cozinha	Estava difícil encontrar emprego e o salário era baixo.
Sandra /6/ Florianópolis, SC	Administrador/Assistente social	Não se aplica. Pais são nativos
Teresa /6/ Serrinha, BA	Vidraceiro/Caixa de supermercado	Estava difícil encontrar emprego e não tinha outro trabalho.
Vanessa /6/ Rio de Janeiro, RJ	Comerciante/Desempregada	Violência urbana

Fonte: Alcubierre (2017).

Como podemos perceber, as famílias migram, majoritariamente, para buscar trabalho. A chegada a um novo lugar não é algo fácil, por isso as crianças não reconhecem a nova cidade como um local de moradia. Ao serem questionadas porque haviam ‘trocado’ de cidade, responderam negativamente e indicaram que Florianópolis não era a cidade delas. Foi o caso da Laura, 5 anos, ao dizer que “[...] *aqui não é a minha cidade, eu só tô de viagem*”, e de Lúcio, ao relatar que sua família “[...] *não vai morar aqui pra sempre, não. A gente vai pra Bahia. Eu tô de férias aqui. No outro dia eu vou voltar pra Bahia*” (ALCUBIERRE, 2017, p. 196).

Ao dizer que na cidade originária era “[...] *melhor porque tem a minha família, todos nós se amamos e tem a minha família inteira lá*” (ALCUBIERRE, 2017, p. 200), Maria, 5 anos, deu testemunho do quanto as relações culturais estavam relacionadas com os vínculos materiais originais familiares e como a migração é um processo doloroso, marcado por ausência, saudade e rompimento.

Os desenhos de Carla (4 anos) e Teresa (6 anos) (Figuras 1 e 2) também representam a estreita ligação entre cultura e a materialidade social vivida no processo migratório infantil:

Figura 1 – Desenho de Carla, 4 anos, migrante de Biritinga, BA



Fonte: Alcubierre (2017).

Figura 2 – Desenho de Teresa, 6 anos, migrante de Serrinha, BA



Fonte: Alcubierre (2017).

Ao lado esquerdo, na Figura 1, Carla representou a família com quem vivia na Bahia (mãe, pai, tios, primos e avós). Ela não desenhava todos os parentes, mas contou deles. Ao ser questionada por que não os havia desenhado no espaço que representa a sua casa, respondeu: “[...] *é porque eles estavam trabalhando nessa hora*” (ALCUBIERRE, 2017, p. 200). Conforme Vigotski (2021, p. 118), no processo inicial de desenvolvimento da fala em escrita, por meio do desenho, a criança “[...] desenha de memória não o que vê, mas o que conhece”. Nesse sentido, as crianças desenhavam as lembranças, os costumes, os hábitos, as vivências e o que lhes afeta mais. Ainda, ao lado direito (Figura 1), estão as pessoas que moram com Carla em Florianópolis (pai, mãe e tio).

Já Teresa (Figura 2) representou, ao lado esquerdo, a praça central de sua cidade, com destaque para a igreja e para o coreto (em azul). Contou que era onde sua mãe e avó rezavam e havia *shows* de música e festas, com pula-pula para brincar. Ao lado direito da folha, Teresa desenhava a Avenida Beira-Mar Norte, já em Florianópolis, onde, segundo ela, passeia aos domingos só com o pai, pois sua mãe trabalha e não pode estar junto deles.

É visível como os aspectos que envolvem a cultura (enquanto uma segunda natureza humana relativa ao modo de ser, viver, relacionar) cercam as crianças e suas memórias. A saudade da relação com os avós, a praça, que é a referência dos encontros, as relações com a cidade, os costumes da reza, da música no coreto, das festas com brinquedos infantis, etc. aparecem nos desenhos, que denunciam as mudanças da vida em Florianópolis. Percebe-se também a frequente menção às relações infantis com o mundo do trabalho. O trabalho esteve presente em quase todas as falas, entrevistas e conversas com as crianças. Sobretudo o trabalho precarizado, flexível e inconstante, que permeia não apenas o imaginário mas sobretudo a vida real dessas crianças.

Quando questionadas sobre o motivo da mudança/migração, dez das treze crianças entrevistadas contaram sobre a falta de trabalho e/ou dinheiro na família (ALCUBIERRE, 2017):

Quadro 2 – Falas de crianças migrantes (de 4 a 6 anos) sobre o motivo da mudança para Florianópolis

“Meu pai achava lá muito chato. Acho que é porque ele não queria trabalhar lá”	“Minha mãe acha aqui legal e tinha que trabalhar, lá não tinha dinheiro”
“As coisas são caras e tinha que trabalhar mais aqui”	“É porque no Rio de Janeiro tinha muito bandido”
“O meu pai disse pra minha mãe vir pra cá porque lá não tinha muito trabalho, não.”	“A minha mãe que decidiu que a gente ia vir pra cá. Porque ela achava que aqui ia ser muito legal e melhor que lá. Daí, quando ela se mudou, ela chorou, porque não tinha nada. A gente só tinha um fogão, uma geladeira e dois copos. Agora tem mais coisas. Minha mãe não tinha trabalho. Ela tinha trabalho, mas às vezes ela não ia trabalhar, porque tinha pouco trabalho”
“Eu viajei pra cá porque lá não tinha outro emprego, só tinha barracas. Minha mãe falou que não tinha trabalho lá, só barraca, não tinha nenhum trabalho, só tinha barraca”	“A gente viajou pra minha mãe ganhar muito dinheiro aqui. Minha mãe disse que a gente ia ficar de viagem aqui e depois a gente ia pra casa. Ela trabalha em uma sorveteria. Eu já fui trabalhar com ela e eu pedi um sorvete pra ela. Ela vai ganhar bastante dinheiro e aí vai dar pra gente comprar roupas, calças e outras coisas mais.”
“Pra ganhar dinheiro pra construir a nossa casa”	“Porque meu pai já tava aqui e ele queria trabalhar pra comprar um carro e uma moto. Mas agora meu pai saiu fora do trabalho e ele tá em casa todos os dias”
“Pra minha mãe trabalhar, agora aqui ela trabalha, lá não”	“Minha mãe que teve ideia de vir pra cá. Ela separou do pai”

Fonte: Alcubierre (2017).

Ao relatar que em Florianópolis “*tem trabalho*” e que “*lá não tem emprego*”, as crianças, assim como suas famílias, denunciaram a desigualdade entre as diversas regiões e cidades do país. Ao questionar uma mãe se ela migraria para Florianópolis mesmo se tivesse as condições necessárias para viver na Bahia, com moradia, trabalho, escola, saúde e lazer, ela foi bastante taxativa ao dizer que não, pois, se em sua cidade tivesse as mesmas condições de trabalho, ela estaria lá, “*com certeza! Ficaria lá no meu cantinho*” (Entrevista com mãe migrante. Pesquisa de Campo, 2016 *apud* ALCUBIERRE, 2017, p. 161). Ainda, segundo dois pais migrantes entrevistados:

Na cidade pequena todos se conhecem e as relações sociais são muito maiores. Você se sente muito mais incluído na cidade. [...]. É diferente da cidade grande. Aqui se formam grupos de algumas pessoas que você conhece e mais aquelas com quem você trabalha e fora isso você fica mais trancado no apartamento, no trabalho, até mesmo por causa da segurança também. Na cidade pequena é diferente, você pode sair em qualquer horário, caminhar na rua, passear. Aqui você já tem que cuidar com o horário que sai, aonde vai. Isso mudou bastante (Entrevista com P1, pai migrante. Pesquisa de Campo, 2016 *apud* ALCUBIERRE, 2017, p. 152).

Sabe, assim, eu sou uma pessoa que eu chego e me adapto muito rápido (fala rindo). Eu cheguei há oito meses em Florianópolis e já trabalho por conta (risos). [...]. Tem quarenta dias que eu estou trabalhando por conta própria. Pra você chegar de uma cidade há três mil quilômetros de lá até aqui, você se adaptar muito rápido [...], eu já ando por tudo [...], vou pra um lugar, vou pra outro. Então, sabe, já consegui me desenrolar, mesmo, de verdade. Florianópolis pra mim já está pequena (risos). Florianópolis hoje é do tamanho de Feira de Santana (BA). Aqui tem 500 mil habitantes e Feira de Santana tem 800 mil. Pra você ver como é uma cidadezinha pequena. Pra mim, ela é pequena. Eu ando por ela todinha, não me perco mais, ando por todas as ruas [...] (Entrevista com P2, pai migrante. Pesquisa de Campo, 2016 *apud* ALCUBIERRE, 2017, p. 152).

Percebemos que as crianças, assim como os adultos, possuem impressões e interpretações parecidas diante do contexto de migração ao qual foram induzidas a se submeter. Por um lado, expressam um contexto cultural de origem rompido pela migração. Esse rompimento, imposto pelas necessidades de sobrevivência, é repleto de afetos, lembranças, saudades, dor, opressão, violência. Na nova cidade, outros hábitos, costumes e linguagens também desafiam as crianças, evidenciando a conexão dialética entre trabalho e cultura.

5 A situação da criança imigrante nos Estados Unidos da América

Figura 2 – Mãos de crianças latinas que trabalham na fumicultura



Fonte: Conde (2021).

Ao abordar a situação da criança migrante nos EUA, é impossível não mencionar a exploração do trabalho e a enorme desigualdade social do país, que tem na migração um dos elementos fundantes de sua constituição social e econômica. Enquanto nos grandes centros urbanos, como Nova York, é ilegal crianças trabalharem; nas áreas rurais, o trabalho infantil é permitido e, por isso, encontramos muitas famílias imigrantes trabalhando (trabalhadores essenciais durante a pandemia de Covid-19), inclusive crianças menores de 12 anos.

As normas justas de trabalho proíbem que crianças menores de 16 anos se envolvam em trabalhos agrícolas que o secretário do Trabalho dos EUA tenha identificado como perigoso. No entanto, os regulamentos do Departamento de Trabalho dos Estados Unidos (DOL) sobre ocupações perigosas não incluem nenhuma restrição para que crianças com menos de 12 anos realizem trabalhos que as exponham ao contato com plantas e folhas de tabaco. (...) De acordo com a lei, não há idade mínima para que uma criança comece a trabalhar na propriedade com a autorização dos pais. Aos 12 anos, uma criança pode trabalhar por qualquer número de horas fora da escola em uma fazenda de qualquer tamanho com a permissão dos pais, e aos 14 anos, uma criança pode trabalhar em qualquer fazenda sem a permissão dos pais. (HRW, 2015, p. 14 *apud* CONDE, 2021, p. 25, tradução nossa).

É importante destacar que, embora o trabalho infantil não seja proibido, não há casos e denúncias de crianças brancas e de nacionalidade norte-americana trabalhando. Trata-se de uma realidade que perpassa a vida apenas das crianças migrantes. Como exemplo, citamos o caso de Daniele (12 anos), que, durante a entrevista, disse ao pesquisador da Human Rights Watch: “Ninguém perguntou a minha idade.

Eles não se importam. Eles só queriam que os imigrantes trabalhassem (HRW, 2015, p. 7 *apud* CONDE, 2021, p. 50, tradução nossa)". E Sofia (11 anos): "Nenhum dos meus chefes, empreiteiros ou chefes de equipamentos alguma vez nos disse algo sobre os pesticidas e como podemos nos proteger deles" (HRW, 2015, p. 9 *apud* CONDE, 2021, p. 25, tradução nossa).

Muitas famílias imigrantes perambulam pelos estados americanos em busca de trabalhos sazonais. Muitas residem em *trailers* ou *vans* com as crianças. O preço dos aluguéis, juntamente com os baixos salários recebidos, não permite que paguem por casas inteiras para residirem. Além disso, é comum encontrar mais do que duas famílias dividindo a mesma habitação. Além das condições de vida precárias, os efeitos sobre a escolarização das crianças também são danosos. A necessidade de constantes mudanças, a vida difícil sem uma casa fixa e a necessidade de trabalhar atrapalham a continuidade dos estudos, evidenciando como a relação entre educação e cultura é permeada pelas questões de classe e pela busca por trabalho.

Figura 3 – Residência de imigrantes latinos na Carolina do Norte



Fonte: Conde (2021).

Durante nossa pesquisa de campo na cidade de Kinston (Carolina do Norte), conhecemos muitos casos de trabalhadores imigrantes que estavam trabalhando com o salário atrasado e, por isso, manifestaram preocupação, pois eram imigrantes sem documentos, em situação ilegal e não podiam reclamar, por causa do risco de deportação, reafirmando a ideia da classe trabalhadora migrante constituir o atual *cheap labour* e o Exército Industrial de Reserva de que falava Marx (2017).

A partir de 2016, com Donald Trump no poder, o movimento conservador e a violência contra imigrantes e negros cresceram nos EUA. De modo geral, os movimentos extremistas, as redes sociais e os formuladores de políticas atribuem os problemas sociais norte-americanos aos imigrantes que chegaram da América Latina em busca de trabalho, sem dinheiro, com filhos e dependentes familiares.

Depois de 2016, a administração Trump iniciou a política de tolerância zero para com os imigrantes, separando as crianças dos pais e criando uma seção especial da ICE (Immigration Customs Enforcement's) para as crianças. Essa tragédia americana, como uma forma atual de racismo, nazismo e neocolonialismo, traumatiza as famílias migrantes. Jacob Soborof (2020) descreve milhares de situações em que crianças são presas e separadas das famílias dentro das ICES, como o exemplo brasileiro abaixo:

Sou cidadã brasileira e estou buscando asilo nos Estados Unidos. Quando vim para os Estados Unidos, passei em minha entrevista inicial de asilo ("entrevista de medo") e agora estou em processo de imigração perante um juiz de imigração, para pedir asilo. Embora esta fosse a minha situação, fui

condenada pela contravenção de entrar ilegalmente no país. Quando um guarda de fronteira se aproximou de mim, pouco depois de eu entrar no país [em 26 de agosto de 2017], expliquei que estava pedindo asilo. Eu ainda fui processada. Passei 25 dias na prisão pela contravenção. Após minha sentença de prisão, fui enviada em 22 de setembro de 2017 a um centro de detenção de imigração no Texas, chamado Centro de Processamento de *El Paso* e, em seguida, transferida para o Centro de Detenção do Oeste do Texas, também conhecido como *Sierra Blanca*. Estou neste centro de detenção desde aquela data. Estou tentando prosseguir com meu pedido de asilo. Meu filho biológico, J., tem 14 anos e veio comigo do Brasil. Ele também está buscando asilo. Quando fui enviado para a prisão por minha condenação, meu filho foi tirado de mim e enviado para uma instalação em Chicago. Eu sei que a prisão não permitia que crianças ficassem com seus pais. Mas agora saí da prisão e estou na detenção de imigração desde 22 de setembro de 2017. Estou desesperada para me reunir com meu filho. Eu gostaria de ser solta com meu filho para que possamos viver com amigos nos Estados Unidos, enquanto buscamos nossos casos de asilo. Mas, se não pudermos ser libertados, gostaria que fôssemos detidos juntos. Eu me preocupo com ele constantemente e não sei quando o verei novamente. Falamos ao telefone apenas cinco ou seis vezes desde que ele foi tirado de mim. Eu sei que ele está tendo muita dificuldade em ser detido sozinho, sem mim. Ele é um garoto de apenas 14 anos que vive em um país estranho e precisa de sua mãe. Espero poder estar com meu filho em breve. Tenho saudades dele e estou com medo por ele [...]. (Declaração de M.S.C. em ICE, mar. 2018 *apud* SOBOROF, 2020, tradução nossa).

A indescritível tragédia acima tem acontecido com milhares de crianças, mães e famílias nos últimos anos. Em outubro de 2020, durante a Pandemia de Covid-19, voluntários e advogados nomeados para identificar famílias de migrantes que estavam separadas disseram que não conseguiram encontrar os pais de 545 crianças (60 delas menores de 5 anos), porque as famílias já haviam sido deportadas para a América Central sem suas crianças (CONDE, 2022). Também em reportagem publicada pelo New York Times em fevereiro de 2023, aparece a denúncia de que milhares de crianças latinas que chegaram sozinhas aos Estados Unidos foram perdidas, ou seja, o sistema americano de proteção e justiça não sabe onde elas se encontram (NYT, 2023).

Figura 4 – Abrigo da ICE para crianças pequenas em Brownsville, Texas, em julho de 2018



Fonte: Ilana Panich-Linsman para The New York Times (DON'T..., 2018).

Figura 5 – Criança imigrante trabalhando na colheita de batata doce



Fonte: Conde (2021).

Todos os anos, aproximadamente 1,5 mil imigrantes chegam aos EUA para trabalhar no campo e 90% deles não têm documentos (CULTIVAR el temor, 2012). Homens, mulheres e crianças trabalham em condições difíceis, com baixos salários, por longas horas e sofrem diferentes formas de racismo, opressão e violência. Constantemente acusados de “latinos sem educação e sem cultura”, revelam a imbricada relação entre exploração, educação e cultura. Vivem em acomodações precárias, mal ventiladas e com muitos

insetos. Sofrem de desnutrição, insolação, queimaduras solares, doenças de pele, infecções causadas por péssimas condições de vida e vivem sob condições extremas de exploração, violência e abandono.

Considerações Finais

Segundo Marx (2017), o sistema capitalista é um vampiro que suga a força de trabalho desde cedo, e os trabalhadores são parte essencial de sua acumulação e reprodução. Por isso, é importante considerar que as crianças e os adolescentes não vivem por eles mesmos, apenas pela sua natureza infante e/ou jovial e numa cultura exclusivamente infantil. Eles vivem sob múltiplas e determinadas condições de existência material e social. Com todas as narrativas e lutas pelo direito à infância, existem milhões de crianças esquecidas, que não têm direito às mesmas condições e garantias de ir e vir, crianças que não são compreendidas nem consideradas, crianças que migram em condições adversas e inconstantes, assim como a classe trabalhadora. Nesses deslocamentos, as relações entre classe e cultura aparecem dialética e contraditoriamente imbricadas, como exposto no depoimento acima e nas pesquisas apresentadas.

Na revisão teórica realizada sobre migração, educação e cultura, pudemos perceber como, desde o materialismo histórico-dialético, atividade de trabalho e cultura formam um par dialético inter-relacionado. Na tarefa histórica de produzirem a própria existência, os seres humanos criam hábitos, costumes, relações, formas de ser, fazer e trabalhar que se alteram a cada geração e de acordo com a realidade local.

Em ambas as pesquisas descritas, a busca por melhores condições de vida aparece como motivo determinante do ato de migrar. Também a realidade no novo país ou cidade é vivida de forma dolorosa, cheia de desafios, opressões, violências, racismo, preconceito e xenofobia. O segundo país mais rico do mundo tem na exploração de imigrantes e de crianças um dos elementos centrais de sua economia. Embora empregados, a xenofobia contra hábitos culturais de latinos e nordestinos legitima e justifica o porquê de eles terem de trabalhar desde cedo por piores salários e constituírem o *cheap labour* ou Exército Industrial de Reserva (MARX, 2017).

A cultura que a criança migrante experimentou e foi por ela apropriada em seu local de origem não será reproduzida igualmente na nova realidade após a migração, e isso nos alerta para a relação imbricada entre classe, trabalho, cultura e educação.

Como discutimos no início deste artigo, Marx e Engels (2007) entenderam a cultura, o pensamento e a subjetividade no cerne da concepção da atividade de trabalho. Os estudos de Vigotski (2000, 2018a, 2018b, 2021) mostram a emergência humana com a criação de linguagem e de ferramentas que impulsionam mudanças psicológicas. A cultura, a filogênese e a ontogênese formam um complexo único, e a atividade humana, na realidade, é um processo incessante e não separado. Quando modificamos o mundo por meio da atividade, estamos nos modificando e tendo contato com artefatos históricos, ferramentas e práticas culturais de gerações anteriores. Nesse sentido, indicamos a importância e a necessidade da compreensão materialista e correlacionada da cultura e da migração adulta e infantil. A migração é

expressão de um processo social e familiar de luta por melhores condições de vida e sobrevivência, bem como das crises capitalistas criadoras de uma massa de trabalhadores sobrando, que perambula em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Notas

¹ Dados da OIT Brasília (TRABALHO..., 2022) apontam que, em 2021, **49,6 milhões de pessoas viviam em situação de escravidão moderna**. Desse total, **3,31 milhões eram crianças**. Entre adultos e crianças, em sua maioria, são migrantes internos ou externos.

² Força de trabalho barata (tradução nossa)

³ O trabalho liberta (tradução nossa).

Referências

ALCUBIERRE, K. S. L. **Crianças migrantes**: sentidos e memórias da objetividade vivida. 2017. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186510>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ALCUBIERRE, K. S. L.; CONDE, S. F. Sentidos e percepções de crianças migrantes em Florianópolis. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 358-368, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/CtMcmbtv7wV9sjcX7z5QwtG/?lang=pt>. Acesso em: 3 mar. 2023.

ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BISPO, F.; SCHIRLEI, A. Em Santa Catarina, um terço dos casos de discriminação no trabalho são contra haitianos e africanos. **Carta Capital**, São Paulo, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/em-santa-catarina-um-terco-dos-casos-de-discriminacao-no-trabalho-sao-contra-haitianos-e-africanos/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

CONDE, S. F. **O trabalho de crianças e mulheres migrantes no cultivo do tabaco nos EUA** [The work of children and women in tobacco growing in the USA]. Relatório final de atividades desenvolvidas entre março/2020 e fevereiro/2021, durante o afastamento para pós-doutorado na City University of New York, New York State, USA). Florianópolis: Departamento de Estudos Especializados em Educação da UFSC, 2021. Mimeo.

CONDE, S. F.; VIANNA, E.; POLE, A. A cooptação neocolonial da agência por meio da patologização da pobreza, da diversidade e da desigualdade nos EUA e como enfrentá-la com uma educação ativista transformadora. IN: **Cadernos CIMEAC** – v. 11, n. 1, 2021. ISSN 2178-9770 UFTM | Uberaba – MG, Brasil. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/issue/view/282> . Acesso em 01/02/2023.

CONDE, S. F. Dentro da tragédia norte-americana: a exploração da criança migrante latina na fumicultura estadunidense. In: NORÕES, K. C; SANTOS, M. W. dos; SANTIAGO, F. **Crianças em deslocamentos**: infâncias, migração e refúgio. São Carlos: Pedro e João, 2022, p. 119-140.

CONDE, S. F.; CASSIANI, S. *I can't breathe*: reflexões sobre colonialidade e Covid-19 a partir da cidade de Nova Iorque, EUA. **Revista Interdisciplinar Educação e Territorialidade**, Dourados, v. 2, n. 2, p. 286-303, jan./jun. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353575674_I_can%27t_breathe_reflexoes_sobre_colonialidade_e_Covid-19_a_partir_da_cidade_de_Nova_Iorque_EUA. Acesso em: 19 fev. 2022.

CONDE, S. F.; SILVA, M. Persistência do trabalho infantil ou da exploração do trabalho infantil. **Roteiro**, [S. l.], v. 45, p. 1-20, 2020. DOI: 10.18593/r.v45i0.23071. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23071>. Acesso em: 7 mar. 2023.

CULTIVAR el temor (la vulnerabilidad de los trabajadores agricolas inmigrantes frente y el acoso sexual en Estados Unidos. **Human Rights Watch**, New York, 16 may 2012. Disponível em: <https://www.hrw.org/es/report/2012/05/15/cultivar-el-temor/la-vulnerabilidad-de-los-trabajadores-agricolas-inmigrantes>. Acesso em: 20 mar. 2023.

DELLAPUPPA, F. **Stuck and exploited**: refugees and asylum seekers in Italy between exclusion, discrimination and Struggles. Venezia: Edizioni Ca'Foscari, 2021.

DON'T Let Migrant Kids Rot. **The New York Times**, New York, 8 set. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/09/09/opinion/editorials/dont-let-migrant-kids-rot.html>. Acesso em: 3 mar. 2023.
FANTINEL, S. Declaração de Líder Patriota. 267º Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Caxias. **YouTube**, Canal TV Câmara Caxias, Caxias, 28 fev. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PucJkNBQ_Vc. Acesso em: 03 mar. 2023.

FERRAREZ, G. Número de novos imigrantes dispara em SC e estrangeiros buscam no Estado recomeço e lar. **NSC Total**, Florianópolis, 19 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nsc total.com.br/noticias/numero-novos-imigrantes-dispara-sc-estrangeiro-buscam-estado-recomeco-lar>. Acesso em: 3 mar. 2023.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 27. impr. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MARX, K. **O capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MEAD, M.; BENEDICT, R.; SAPIR, E. **Cultura e personalidade**. São Paulo: Zahar, 2015.

NYT (NEW YORK TIMES). Alone and Exploited, Migrant Children Work Brutal Jobs Across the USA. Feb/28/2023. Disponível em <https://www.nytimes.com/2023/02/25/us/unaccompanied-migrant-child-workers-exploitation.html>. Acesso em 01/03/2023.

OPERAÇÃO resgata mais de 200 trabalhadores em condições análogas à escravidão em Bento Gonçalves. **Carta Capital**, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/operacao-resgata-mais-de-200-trabalhadores-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-vinicolas-gauchas/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

RAMOS, V. “Fui asfixiado, não conseguia respirar”, denuncia haitiano agredido em fábrica da Brasil Foods. **Revista Brasil de Fato**, São Paulo, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/15/fui-asfixiado-nao-conseguia-respirar-denuncia-haitiano-agredido-em-fabrica-da-brasil-foods>. Acesso em: 3 mar. 2023.

SILLER, R. R. Infâncias migrantes, educação infantil, territorialidades: os movimentos de desterritorialização e reterritorialização das crianças pomeranas. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 46, n. 2, p. 577-591, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46i2.68461. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68461>. Acesso em: 6 mar. 2023.

SIRGADO, A. P. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

SOBOROF, J. **Separated**: Inside an American Tragedy. Nova York: Harper Colins, 2020.

STETSENKO, A. **The transformative mind**: expanding Vygotsky approach to development and education. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

SUCHODOLSKI, B. Sobre os fundamentos da teoria marxista da cultura. *In*: SUCHODOLSKI, B. **Teoria marxista da educação**. Tradução de José Magalhães. Lisboa: Editorial Estampa, 1976. v. 2, p. 75-128.

TAYLOR, K.-Y. **#VidasNegrasImportam e libertação negra**. Tradução: Thalita Bento. São Paulo: Elefante, 2020.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa II**: a maldição de Adão. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

TRABALHO forçado. **OIT Brasília**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-esravo/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 3 mar. 2023.

VIANA, N. Marxismo e cultura. **Práxis Comunal**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 13-31 jan./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/praxiscomunal/article/view/11948>. Acesso em: 6 mar. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas**. 2 ed. Madri, Espana: Visor Dis, 2000. Tomo III.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2018a.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. Tradução Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-papers, 2018b.

VIGOTSKI, L. S. A pré-história da fala escrita. *In*: VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. Tradução do russo: Elizabeth Tunes e Zoia R. Prestes. São Paulo: Expressão Popular, 2021, p. 103-142.

WILLIAMS, R. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, R. Marxismo e Cultura. *In*: WILLIAMS, R. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 276-294.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, R. **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Unesp, 2015.